

Pesquisa qualitativa em psicologia o pesquisador *bricoleur* e o pesquisador *máquina*

Qualitative research in psychology: the *bricoleur*-researcher vs. the *machine-trick* researcher

Elisangela Barboza Fernandes¹, Eduardo de Carvalho Martins²

Resumo

Este artigo discute como no campo das ciências sociais o fazer pesquisar encontra-se, por vezes, demasiado preso a procedimentos e distante de criatividade, refletindo em uma menor capacidade de abordar o fenômeno estudado. Na busca de objetividade, a psicologia assumiu a experimentação como a forma ideal de pesquisar, com decorrente desvalorização de abordagens interpretativas, incorrendo no risco de limitar-se ao estudo de fenômenos que não atingem aspectos centrais de seu objeto. A discussão é realizada por meio de estudo bibliográfico e análise conceitual em torno da contraposição de dois tipos de posturas do pesquisador: *pesquisador máquina*, na perspectiva de Becker (1977), e *pesquisador bricoleur ou conversador*, expressões emprestadas, respectivamente, de Denzin e Lincoln (2006) e de Spink (2008). Conclui-se que sobre a base de uma formação sólida, o pesquisador pode desprender-se da formalização técnica e criar, conforme o fenômeno e o contexto estudados exigirem. Dessa maneira, pode-se afirmar que a postura *bricoleur* melhor responde às condições da pesquisa qualitativa no campo das ciências sociais.

Palavras-chaves: Pesquisa qualitativa. Pesquisador *máquina*. Pesquisador *bricoleur*. Psicologia. Objetividade.

Abstract

This article aims to examine how research in social sciences is likely to be over procedure-oriented and quite distant from creativity, thus being less effective in dealing with the studied phenomenon. In pursuit of objectivity, psychology researchers have defined experimentation as the best investigation device and consequently devalued interpretive approaches, running the risk of studying mere peripheral phenomena. The present article is conducted through literature research and conceptual analysis around the opposition of two types of researcher positions: the *machine-trick researcher*, according to Becker's perspective (1977), versus the *bricoleur* or *communicative researcher*, as named by Denzin and Lincoln (2006), and Spink (2008), respectively. In conclusion, the well-trained researcher can get loose from technical formalization in order to create what his/her studied phenomenon and context require. Therefore, it can be asserted that the *bricoleur-researcher* type better meets the conditions of qualitative research in social sciences.

keywords: Qualitative research. *Machine-trick* researcher. *Bricoleur*-researcher. Psychology. Objectivity.

¹ Psicóloga, Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo e pela Universidade Paris Descartes. E-mail: elibfernandes@gmail.com.

² Psicólogo, Doutor em Teoria Psicanalítica, Professor pesquisador na Universidade Federal de São Carlos e Psicólogo na Universidade Federal Paulista/Baixada Santista.

Introdução

A busca por rigor científico trouxe às ciências sociais e humanas questões específicas, que se relacionam, sobretudo, à tentativa de adequação de seu método ao das ciências exatas e naturais. Desta maneira, tais ciências poderiam se isentar das críticas direcionadas às supostas fundamentações metafísicas contidas nas diversas teorias que precederam o advento e consolidação das ciências físicas:

Os inegáveis avanços na explicação dos fenômenos naturais, decorrentes da aplicação metodológica proposta pela incipiente e bem-sucedida ciência física, tiveram desdobramentos não somente no campo das ciências exatas. [...] Esse sucesso explanatório incitou a tentativa de adoção progressiva do modelo proposto para a compreensão de conjuntos diversos de fenômenos a fim de obter uma unidade epistemológica das ciências e evitar, entre outras coisas, a invasão de teorias de cunho metafísico, religioso ou anímico nas explicações científicas (MARTINS, 2012, p. 10).

Para a psicologia, essa tentativa de adequação levou a assumir a experimentação, a partir da observação do comportamento, como uma forma ideal de se fazer pesquisa (NOGUEIRA, 2004). A pesquisa é marcada por impessoalidade, a qual se impôs tradicionalmente como valor, em nome da objetividade. Algumas das noções mais tradicionais da epistemologia científica³ consideram que esta oferece conhecimento objetivo sobre os fenômenos que investiga. Segundo essa perspectiva, o conhecimento produzido mediante execução de procedimentos bem delimitados e previamente estabelecidos permitiria ultrapassar os fatores subjetivos, garantindo a neutralidade. Quanto ao pesquisador, deveria abordar os fenômenos que pudessem ser operacionalizados de forma instrumental ou lógica e, de preferência, de modo quantificável.

As mudanças que ocorreram no campo científico desde o século XIX, principalmente por meio do desenvolvimento das ciências humanas, com o surgimento da psicanálise e da fenomenologia, levaram a uma reflexão crítica a respeito das ideias de *neutralidade e objetividade*, as quais serão aqui problematizadas. Na medida em que se reconheceram no fenômeno humano os componentes irreduzíveis a uma abordagem pautada no modelo das ciências naturais, que se mostrou inadaptada às ciências sociais, afrouxaram-se os laços com o medir e quantificar, em benefício do interpretar e do qualificar.

Embora a exigência de um método próprio às ciências sociais seja amplamente reconhecida, as velhas questões e polêmicas sobrevivem em caminhos marcados por percalços e retrocessos, que se expressam não apenas pela atribuição de estatutos distintos às disciplinas – e no interior de uma mesma disciplina, segundo o procedimento que adota –, mas também envolvem o debate no plano político e econômico, em termos de disputa de mercado e hegemonia profissional⁴. A história nos fala de tempos marcados pela hegemonia de um determinado paradigma científico, mas o processo de produção de conhecimento pode ser visto como atravessado por diferentes paradigmas e alicerçado no contexto em que se produz, conforme aponta Kuhn (1975).

A pesquisa qualitativa, caracteristicamente multiparadigmática, envolve tensões e contradições que se relacionam à articulação de aspectos de diferentes paradigmas, sendo estes atravessados por perspectivas teóricas distintas (DENZIN; LINCOLN, 2006). Considerando essas contradições, este artigo discute a implicação da noção de objetividade na pesquisa qualitativa em psicologia, argumentando que se deve colocar em primeiro plano a especificidade de seu objeto. A

³ Tomamos como exemplos de formulações tradicionais de epistemologia científica os textos de autores pertencentes ao chamado Círculo de Viena ou seus interlocutores, como Hempel (1965), Popper (1993), Feigl (1969), entre outros.

⁴ O debate em torno de propostas de alguns setores públicos, em especial na França, de excluir a psicanálise do campo do tratamento das crianças autistas, constitui um exemplo proeminente disso.

discussão é realizada com base em um processo de pesquisa bibliográfica e análise conceitual em torno da oposição entre a noção de *pesquisador máquina*⁵, na perspectiva de Becker (1999), e as noções de *pesquisador bricoleur* e *pesquisador conversador*⁶, emprestadas, respectivamente, de Denzin e Lincoln (2006) e Spink (2008).

O Lugar da Objetividade no Campo das Ciências Sociais

Na construção do conhecimento científico ainda prevalece a busca de uma verdade pela repetição de resultados similares como algo epistemologicamente superior, o que para Spink (2008) corresponde à herança de uma visão exagerada da verdade. Na visão hempeliana (HEMPEL, 1965) ou lógico-positivista, por exemplo, a investigação de regularidades nos fenômenos consiste na função primordial da tarefa científica. A regularidade se associaria à perspectiva de repetição experimental ou observacional, ou seja, à replicação, e, se possível, à previsibilidade do fenômeno. Sua finalidade última seria, portanto, a formulação de leis universais ou probabilísticas com base no procedimento indutivo de replicação (alguns tipos de empirismo) ou no procedimento dedutivo de articulação entre enunciados baseados em fenômenos observáveis (positivismo-lógico, por exemplo). Nesta perspectiva, a regularidade é usualmente compreendida como repetição estrita, enquanto condição de validade e de verdade. Entretanto, mais que abdicar dessa ideia de verdade, o pesquisador deve desfazer-se da crença de que ele é o único capaz de enunciá-la (BECKER, 1999; SPINK, 2008). A noção de objetividade nesta perspectiva mantém forte relação com certo tipo de positivismo, supondo que: os enunciados científicos são infalivelmente verdadeiros, o pesquisador se encontra comprometido com a

busca da verdade e as descobertas científicas compreendem um bem coletivo.

A discussão de objetividade encontra-se fortemente ligada à questão do método – em especial como caminho que poderá ser feito – e defende a impessoalidade como valor de qualidade para a pesquisa, devendo ser eliminado tudo que diz respeito ao subjetivo, como sentimentos, ideais, vínculo. No entanto, fazer pesquisa não é necessariamente, tampouco exclusivamente, resultado de uma utilização dura de procedimentos, envolvendo respostas anteriores que contribuíram para a construção do conhecimento e a dimensão da experiência do sujeito que pesquisa. Segundo Cupani (1989, p. 24), “[...] a objetividade científica não é o resultado da atividade de um sujeito impessoal, mero executor de procedimentos eficazes por si mesmos, mas a conquista de investigações que, embora instrumentalizadas, nunca deixam de ser de algum modo ‘pessoais’”.

A história da ciência já demonstrou diversas vezes que há muito de hipotético no que tomamos por indubitável (NAGEL, 1975) e de ilusão no que supomos plenamente racional (FEYERABEND, 1965). O discurso teórico da ciência compreende uma forma de representação do social e, enquanto tal, é passível de crítica (BECKER, 2009). “Tal posição [da ciência] desafia a possibilidade de se alcançar a verdade através do adequado, ou seja, científico uso da razão.” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 45). Para tais autores, a concepção de pesquisa científica consiste em enunciar problemas e soluções a partir de modelos teóricos propostos para lidar com certos tipos específicos de fenômenos. Tais modelos, no entanto, não refletem uma suposta ordem ontológica que corresponderia à realidade última e indubitável dos fenômenos estudados. Em suma, eles podem ser válidos, por um determinado período, para um

⁵ Becker não utiliza a expressão *pesquisador máquina*, mas suas considerações conduzem nessa direção. Ele afirma que o pesquisador, ao limitar-se à aplicação inflexível de procedimentos mecânicos, que minimizam o julgamento humano, assemelha-se a uma máquina.

⁶ Em linhas gerais, podemos associar o *pesquisador máquina* aos paradigmas positivista, funcionalista, e pós-positivista, e o *pesquisador bricoleur* ou *conversador* aos paradigmas construtivista, crítico marxista e feminista.

conjunto de pesquisadores, até que outros modelos sejam apresentados e/ou confrontados com os existentes. Dado que determinado modelo constitui uma representação abstrata de um fenômeno, mas não a apreensão de sua suposta realidade ontológica e última, ele pode perfeitamente ser contestado ou confrontado com algum outro.

Com relação aos critérios de objetividade, Becker (1977) aponta o risco que corremos de nos afastarmos das ciências sociais quando almejamos a neutralidade em detrimento das idiosincrasias do referido campo de estudos. Segundo Totaro (2010, p.180), a contraposição apresentada por Weber (1974) entre ideal de objetividade tradicional e interpretação historiográfica, que abrange a compreensão da singularidade, encontra no conceito de valor não apenas a afirmação de que a neutralidade constitui uma condição impossível e de que a objetividade é limitada, mas também a base por meio da qual os fenômenos sociais adquirem sentido:

As ciências sociais têm como objeto de pesquisa acontecimentos que ganham sentido só em referências a valores, por isso uma pretensão de neutralidade, no sentido de objetividade absoluta, não é defensável nelas. A relação com os valores, para o pesquisador, é uma condição obrigatória. Portanto, uma pretensão de objetividade científica pode ser colocada apenas sendo conscientes de que na base há uma escolha de um ponto de vista cultural, a saber, que tal objetividade é sub condicio. Mas os valores não são apenas uma **limitação** da objetividade, uma negação de qualquer pretensão de neutralidade da sociologia, eles são, também, a base pela qual os fenômenos adquirem um sentido, são também o código cultural pelo qual os acontecimentos podem ser compreendidos.

Na busca de edificar-se como ciência, a psicologia passou à tentativa de medição dos fenômenos comportamentais, de acordo com o tipo de processo de produção e validação do conhecimento engendrado pelos moldes científicos hegemônicos. De acordo com Rey (2002), a americanização da psicologia conduziu-a a assumir o behaviorismo

como forma dominante do pensamento psicológico – o que representou a forma mais acabada de positivismo – levando ao tratamento esparso do tema da subjetividade, que apenas recentemente tem sido de fato tratado. A descoberta psicanalítica de que a dimensão inconsciente é mais importante que a consciente na determinação de nossos comportamentos, levou a uma ampliação da noção de subjetividade e, paralelamente, tornou ainda mais árida a discussão da objetividade em psicologia. Evidentemente, o estudo do psiquismo sob uma perspectiva psicanalítica encontra-se em ampla contradição com um paradigma que prima pela mensuração, replicação experimental e previsibilidade. O lugar que a psicologia ocupa, entre as ciências sociais e as ciências da saúde, contribui para que ela constitua um terreno propício à interferência de paradigmas contraditórios. Tanto no campo da intervenção, como na psicologia clínica, o aspecto qualitativo-interpretativo ganhou, tradicionalmente, lugar principal, dada a importância dos fatores subjetivos e da história do sujeito para a compreensão e explicação dos processos psíquicos, assim como do comportamento:

A introdução do termo [subjetividade] nos leva a superar a taxonomia dispersa de categorias que têm dominado o cenário da psicologia, assim como a eliminar o uso de categorias simples no estudo dos fenômenos psicológicos. Os fenômenos a estudar deixam de ser operacionalizáveis em suas formas concretas de expressão, o que impede sua classificação em categorias gerais, suscetíveis de serem avaliadas pelos mesmos atributos em pessoas diferentes (REY, 2002, p. 24).

Sabemos que a complexidade própria ao psiquismo humano oferece resistência às tentativas de simplificação, de modo que na psicologia é necessário pensar a objetividade considerando a subjetividade inerente a seu objeto. Se reduzida ao que é observado e passível de replicação experimental e controlada, a psicologia acaba por tornar-se muito pouco representativa do

sujeito em questão, incorrendo no risco de lhe negar a dimensão da subjetividade. Conforme dito, os fenômenos psicológicos possuem grande complexidade, não sendo facilmente isoláveis ou deriváveis de outros fenômenos, por isso alguns dos critérios hegemônicos de validade científica – tais como a replicação experimental, a formulação de leis gerais, a garantia popperiana de critérios seguros de falseabilidade, a relação necessária entre explicação e predição tal como formulada pela teoria nomológico-dedutiva – não são usualmente encontrados na correspondência exata entre teoria e realidade representada por ela.

Segundo Becker (1999), nas ciências sociais, a objetividade e demais exigências científicas são alcançadas pela apresentação das bases do julgamento, pelo delineamento do caminho feito, o que o torna passível de ser criticado e não necessariamente replicado. O rigor poderá ser alcançado na combinação de múltiplas evidências e práticas metodológicas (BECKER, 1999; YIN, 2001). Como assinala Spink (2008), a questão é o entendimento que se tem de objetividade. De um lado, é compreendida como separação e distância em relação ao pesquisado, com ênfase em procedimentos; de outro, é buscada através da aproximação do pesquisado, com o intuito de conhecer seu ponto de vista, dando ênfase às conversas. Sob este ponto, o autor coloca a seguinte questão: “[...] são os procedimentos corretos que produzem o conhecimento ou são as conversas orientadas para tentar acertar?” (SPINK, 2008, p. 76).

Demo (1985) discute algumas das características das ciências sociais que dificultam ou impedem a utilização nesse campo de procedimentos de operacionalização concreta. As características apontadas pelo autor e retomadas a seguir, dizem respeito à especificidade do objeto e do lugar nelas ocupado pelo pesquisador nas ciências sociais. Segundo Demo, o *objeto* deve ser considerado em

sua *historicidade*, caracterizando-se muito mais pela provisoriidade e como complexo fenômeno de transição do que pela descrição estática. O autor o considera também como intrinsecamente *ideológico*, dado que não há separação estrita entre pesquisador e objeto, como ocorre nas ciências naturais. Esta característica não pode ser ignorada, cabendo garantir as condições favoráveis de manipulação mais objetiva. Além disso, as realidades sociais se manifestam mais de forma *qualitativa* que quantitativa, por isso “[...] a mensuração não pode ser critério fatal, já que, se assim fosse, ficaríamos somente com o ‘mensurável’ e, ao mesmo tempo, talvez com o que há de menos interessante no fenômeno”. (DEMO, 1985, p. 17). Quanto ao *lugar do pesquisador*, percebe-se uma relação estreita entre ele e o objeto pesquisado – seja ele indivíduo ou grupo –, dado que em muitos casos o objeto não lhe é completamente estranho, favorecendo o surgimento de possíveis relações de pertencimento, empatia ou identidade: “Tal identidade não precisa ser confusão ou excessivo envolvimento. O cientista é precisamente treinado a evitar tais excessos. Em todo o caso, o mínimo que se pode dizer é que tal envolvimento pode ser maior no caso dos objetos sociais” (DEMO, 1985, p. 16). O autor observa também que a imbricação com a prática é intrínseca ao processo de produção do conhecimento nas ciências sociais, não cabendo ao pesquisador distanciar-se dela, pois, neste caso, poderia tratar-se apenas de uma prática alienada.

Conforme apontamos, nesse campo, algum tipo de envolvimento do pesquisador se torna praticamente inevitável, seja por seu lugar, seja pelas características do objeto. Portanto, consiste em ilusão epistemológica – ou ideológica – acreditar que seja possível estabelecer uma separação precisa entre sujeito que investiga e o que ou quem é pesquisado. O esquematismo⁷ de um modo de fazer pesquisa que se propõe neutra acaba por omitir aspectos importantes, simplificando este ato em demasia.

⁷ Este termo é aqui utilizado para fazer referência à adoção de uma simplificação que privilegia o esquema em detrimento da interpretação.

Corre-se o risco de minimizar, ou até mesmo deixar de lado, aspectos essencialmente ligados ao fenômeno estudado, como os aspectos sociológicos, culturais e relacionais. O acréscimo de importância do aspecto relacional foi influenciado pelos estudos feministas (NARVAZ; COLLER, 2006), que contribuíram para repensar a figura do investigador na pesquisa qualitativa. O construtivismo, por sua vez, também contribuiu para esta crítica, acrescentando à figura do pesquisador o papel de interprete, ao defender que o real vai ser conhecido sempre a partir de uma determinada perspectiva ou interpretação (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Tendo como base as considerações apresentadas, passemos agora a tratar de dois tipos de posturas comumente assumidas pelo pesquisador no ato de pesquisar.

As Vertentes do Pesquisador: Máquina e Bricoleur ou Conversador

Em uma crítica à metodologia convencional da sociologia, Becker (1999) descreve como esta metodologia tem apontado ao pesquisador uma forma de pesquisar que negligencia problemas do método, o que leva à redução da pesquisa aos problemas que podem ser estudados de uma única maneira que se supõe científica. Segundo o autor, neste caso, o pesquisador limita-se à aplicação de procedimentos e tem sua capacidade de julgamento minimizada, assemelhando-se a uma máquina com função majoritariamente reprodutiva. Sabemos que as máquinas não permitem alcançar nuances importantes do que está sendo estudado, elas até falam, mas não conversam. Essa postura do pesquisador, chamado aqui de *pesquisador máquina*, pode ser concebida como representante de uma vertente metodológica típica, derivada da *teoria do conhecimento*, que, como nota Demo (1985), primando pela objetividade, se esforça em salvaguardar o conhecimento através de procedimentos eficazes, buscando estabelecer relações causais entre fenômenos, segundo os princípios de dedução e indução.

O pesquisador máquina, respondendo à expectativa de pesquisa calcada no paradigma das ciências

naturais, define previamente quando irá a campo, para o qual parte na busca de entender o outro a partir de um roteiro pronto; suas entrevistas têm começo, meio e fim pré-determinados, assim como o tempo em que observa e registra. O encontro com o outro tem grande chance de ser duro, uma vez que o pesquisador tende a se dirigir e a descrever apenas os aspectos comportamentais mais evidentes, e previamente definidos, de expressão do fenômeno que estuda. Deste modo, o pesquisador não prioriza, ou sequer atenta, para a importância de um processo cuidadoso de atenção aos vínculos intersubjetivos, pois o que se busca primordialmente é uma separação precisa entre ele e seu “objeto”, que deverá ser apreendido por um olhar treinado por meio de uma metodologia circunscrita e de uma epistemologia reducionista. Todos estes procedimentos são utilizados visando não colocar em risco uma suposta objetividade epistêmica. Segundo Becker (1999), a produção do texto é uma parte da pesquisa bastante marcada por esse distanciamento, desde o texto de campo, mas principalmente aquele que será publicado. O pesquisador pretende manter suas hipóteses imodificáveis e os aspectos que lhe parecem inadequados (excessivamente subjetivos) são postos de lado; por vezes, isso não ocorre de forma consciente ou programada, mas simplesmente o pesquisador não atenta para esses aspectos, dada sua aceitação ao treinamento incondicional com base nos paradigmas metodológicos vigentes.

Quanto às implicações de se negligenciar aspectos envolvidos no fazer pesquisa, Geertz (1989) discute um exemplo de Ryle que nos ajuda a pensar. No exemplo, Geertz descreve como atos de piscar aparentemente iguais, têm significados diferentes: um tique nervoso, uma piscadela expressando acordo ou uma imitação para tirar sarro. A descrição à primeira vista para os três casos é a mesma, todos compreendem uma “mesma” contração da pálpebra, mas quando o aspecto cultural é investigado e o ato de piscar considerado enquanto categoria cultural, tem-se uma “descrição densa”. Quando este aspecto é negligenciado ou tomado em sua vertente

exclusivamente comportamental, corre-se o risco de apresentar uma “descrição superficial”. Para Geertz, o exemplo evidencia os tipos de estruturas superpostas de interferências e implicações através das quais o pesquisador faz seu caminho, mostrando ainda que aquilo que precisa para examinar algo pode se insinuar como informações de fundo. Logo, o trabalho do pesquisador tem muito mais de interpretativo do que usualmente se costuma conceber. Diante dos mesmos dados, observadores diferentes podem tirar conclusões diferentes, a partir de operadores conceituais diversos e teorias distintas.

A pesquisa envolve formar, sobre a base do conhecimento já existente, uma interpretação possível, aceita para um determinado público (comunidade científica), do qual emerge a crítica e o julgamento quanto à sua objetividade (BECKER, 2009; STAKE, 2000). Em referência à comunidade científica, Geertz (1989, p. 19) nota que “[...] o que chamamos de nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas”. A construção da pesquisa no campo das ciências sociais é única, não apenas em função de sua contribuição adicional ao conhecimento existente, mas também porque implica a subjetividade do pesquisador, conforme a singularidade e/ou multiplicidade de suas experiências e associações. A maneira como o pesquisador aborda e interpreta determinado fenômeno corresponde a um aspecto da realidade que ele pretende conhecer. Além disso, como anteriormente dito, o objeto estudado costuma se alterar através do tempo, de modo que a repetição de um mesmo caminho metodológico pode não levar ao mesmo resultado, não se devendo reconhecer neste aspecto em si ausência de caráter científico.

Essa maneira de fazer pesquisa é traçada pelo *pesquisador bricoleur* (DENZIN; LINCOLN, 2006) ou *conversador* (SPINK, 2008), que considera aspectos do contato com o campo outrora negligenciados, abrindo-se para encontros que

não foram rigorosamente programados. Trata-se de uma inserção diferente daquela do pesquisador imparcial, dado que potencialmente mais conectado aos espaços, pessoas e falas. Ele busca apreender os significados, não trabalha necessariamente com categorias precisas pré-determinadas e pode desenvolver novas hipóteses ao longo de todo o processo de pesquisa. Ademais, a própria distinção entre formulação de hipóteses, coleta de dados, sistematização e apresentação de resultados se torna menos demarcada. Em virtude desta complexificação, surgem novas questões: como e em que momento registrar as diversas nuances relacionadas ao campo? O que divide o texto produzido do contexto de pesquisa?

Na pesquisa etnográfica, por exemplo, embora seja possível ao pesquisador definir os momentos que pretende dedicar-se ao registro, é inevitável que o definido se altere, pois, enquanto processo social, não é possível um controle rigoroso na maior parte do tempo. Evidentemente, alguns critérios devem ser adotados, como: estabelecer tempo limite entre a experiência e o registro; registrar o significativo do contexto a partir de ideias e/ou conceitos prévios (ROCKWELL, 2009). Como assinala Rockwell (2009), é importante integrar teoria e significados sociais, de modo que os pressupostos conceituais possam ser examinados a partir das descrições dos fenômenos. Sato e Souza (2001) atentam para um tipo de registro ampliado como a forma do pesquisador tomar notas baseada na manutenção de uma espécie de atenção flutuante, entendida de modo similar ao enfoque proposto pela psicanálise: o pesquisador anota aspectos que lhe chamam a atenção de alguma maneira, mas que inicialmente não teriam relação direta com o tema inicialmente tratado ou com as hipóteses levantadas, para posteriormente identificar as suas possíveis relações. Neste sentido, tal metodologia de registro se aproxima sobremaneira com o estilo *bricoleur* ou confeccionador de colcha, metáfora de Denzin e Lincoln (2006).

As noções de tempo e de contexto mostram ainda mais sua complexidade na definição de

campo de Spink (2003), que subverte a distinção rigorosa entre estar “no campo” e “fora do campo.” Uma conversa em um bar, um encontro com um amigo, podem configurar o campo, pensado em sua processualidade, não como um lugar específico. Enquanto processo, liga-se a múltiplos lugares e a momentos/tempos dispersos. O pesquisador não é mais tido como aquele que olha do lado de fora de um suposto aquário, ou melhor, nesta perspectiva nem sequer há divisão entre lado de fora e lado de dentro do aquário, dada a expansão da noção de campo. Pensar sobre o tema é estar no campo, então, embora o pesquisador possa acessar partes mais densas do campo voluntariamente, como parte de sua agenda de questões diárias (SPINK, 2003), insere-se também inconscientemente, segundo quaisquer associações que o aproximem dele. Spink (2003) nota que podemos negociar acesso às partes mais densas do campo, o que possibilita programar, mas não sugere um controle pleno do tempo. O pesquisador sempre poderá ser surpreendido por uma conversa cheia de sentido para sua pesquisa – seja com alguém diretamente ligado ao tema ou com outro pesquisador – que poderá constituir material de análise.

O *pesquisador conversador* coloca-se como parte do campo de pesquisa, podendo situar-se também no seu texto, assumindo, dessa forma, uma nova perspectiva de escrita, mais reflexiva. Denzin e Lincoln (2006) consideram que crescem as formas mais reflexivas e incertas de trabalho de campo e de produção de texto, que abrem espaço para a criatividade do pesquisador/escritor. Ao mesmo tempo, essa nova postura permite ao pesquisador discutir aspectos que descobre influenciando sua pesquisa, mesmo que não façam parte das categorias que propôs analisar. Há espaço para registrar suas impressões, suas sensações, porque o pesquisador sabe que está ali, admitindo não negar isso. Essa vertente reconhece que a produção do conhecimento abarca e é influenciada por elementos provenientes das relações sociais, das quais o pesquisador não se encontra excluído. Como notam

Denzin e Lincoln (2006), na pesquisa qualitativa o pesquisador está situado no mundo. Neste sentido, é impossível pensar em uma pesquisa que seja isenta de afinidades pessoais e políticas:

O *bricoleur* interpretativo entende que a pesquisa é um processo interativo influenciado pela história pessoal, pela biografia, pelo gênero, pela classe social, pela raça e pela etnicidade dele e daquelas pessoas que fazem parte do cenário. O *bricoleur* político sabe que a ciência significa poder, pois todas as descobertas da pesquisa têm implicações políticas. Não existe nenhuma ciência livre de valores (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 20, grifo dos autores).

Tanto o pesquisador quanto o investigado trazem consigo suas próprias lentes, através das quais enxergam um ao outro. De certa forma, o investigado também está no papel de “investigar”, saber quem é este estranho, o que ele quer, por que e para que. Em alguns momentos, ao ir ao encontro do investigado, o pesquisador cobre sua tatuagem, esconde seu colar, pensa sobre sua roupa, na tentativa de facilitar o acesso e evitar resistências. Ele sabe que também é avaliado e que essa avaliação atravessa a relação e, conseqüentemente, “sua” pesquisa. Muitas vezes, as lentes do outro – seja indivíduo, comunidade, grupo ou instituição – vão determinar o que é possível pesquisar, em que locais e de quais modos é possível desenvolver o trabalho de pesquisa. Neste sentido, Becker (1999) e Delamont (2004) tratam da importância de se discutir a tentativa malsucedida de acesso ao campo; ou seja, os insucessos do processo não são elementos descartáveis na tarefa interpretativa, ao contrário, constituem aspectos significativos do fenômeno estudado. Em muitos casos, esses impasses se relacionam intimamente com o fenômeno, de modo que as questões mais significativas relativas ao processo de pesquisa podem estar escondidas exatamente ali onde se encontra a negativa ou dificuldade de acesso ao campo.

Quanto às lentes do informante, Delamont (2004) descreve alguns problemas: o informante pode se

tornar propenso a falar o que acha que o pesquisador quer ouvir, pode ver o pesquisador como um espião e, deste modo, tentar proteger sua privacidade; ou ainda, pode ver o pesquisador como alguém a ser auxiliado e tentar adivinhar o que seria mais desejável de se relatar. Em resumo, muitas das condições estabelecidas nesta relação vincular influenciam diretamente o trabalho em campo. Podem se constituir em problemas de maior ou menor gravidade à medida que interferem nas respostas dos informantes. Podemos ainda acrescentar inúmeras outras formas possíveis do informante olhar o pesquisador, como o estranho que “*não consegue ver de verdade o que se passa aqui*”, o aproveitador que “*só quer pesquisar, mas não dá nada em troca*”, o crítico que “*vem apontar o que está errado no meu trabalho*”, o sabe tudo ou messias que “*vai achar a resposta sobre o que devemos fazer*”. Todas essas formas interferem na relação pesquisador-pesquisado, podendo se desfazer ou se fortalecer através dela, dependendo da atitude do pesquisador, de sua capacidade de negociar, mediar e estabelecer vínculos (CHATAWAY, 2001). Muitos outros aspectos estão ligados às lentes do pesquisado/informante, como suas referências histórico-culturais, assim como a maneira como concebe o sujeito pesquisador, que é observado enquanto membro de uma determinada classe social, gênero, etnia, entre outras categorias identitárias. A visão que o pesquisado tem do pesquisador interfere na construção da pesquisa, na medida em que pode, por exemplo, ampliar ou diminuir sua confiabilidade e disponibilidade para responder.

Quanto às diversas lentes do pesquisador, podemos exemplificar aquelas formadas por sua bagagem intelectual, mas também por suas experiências de vida, seus gostos, etnia, cultura, religião, entre outras. Quando este escolhe um caso, o faz com base em seu treinamento, mas também em elementos de ordem não consciente, na intuição, sendo subjetiva a escolha do que deseja estudar (STAKE, 2000). Deve-se acrescentar que a intuição do pesquisador envolve a formação teórica e técnica, incluindo experiências que não se resumem a um treinamento técnico

formal – neste sentido, é válida para a psicologia a afirmação de que a experiência pessoal e a qualidade dela são importantes para a capacitação técnica do profissional. Ainda sobre as lentes do pesquisador, Eiguer (2009), ao falar sobre seu primeiro trabalho como coterapeuta de Pichon-Rivière, relata:

Este paciente apresentava ideias delirantes de persecutoriedade, sobretudo a respeito de pessoas próximas e também de estranhos, automatismo mental, alucinações. [...] Severo e autoritário, seu pai tinha sido campeão de boxe em sua juventude. Depois de uma sessão, meu coterapeuta me explicou que conhecia a carreira meteórica deste homem, e que sempre teve um enorme respeito por seu estilo de lutar. Ele acrescentou que, na sua juventude, ele mesmo tinha sido boxeador e que havia disputado partidas profissionais. Ele me mostrou que seu nariz tinha uma seqüela deste período: o septo havia sido desviado devido a um golpe. Ele admitiu que durante as sessões precisava fazer um esforço para se “desfazer” da admiração que ainda tinha pelo pai desta família e isto para que realizasse uma importante elaboração psíquica. Do meu lado, sendo pouco inclinado a idealizar boxeadores profissionais ou amadores, me senti perplexo ao escutá-lo enquanto eu não experimentava nenhuma predisposição admirativa em relação ao pai, pois eu o via, ao contrário, como um grosso sem consistência. Ele me parecia impor-se pela força poupando sua esposa, que tinha há anos aprendido a se acomodar mostrando-se dócil. [...] Me senti incomodado sabendo que meu coterapeuta e mestre podia amar este esporte. Em minha família, nunca apreciamos esportes de combate ou marciais, víamos como muito violentos, “estupidificantes” para os boxeadores e expectadores. Cada um de nós teve assim que fazer um verdadeiro trabalho de *desconstrução de suas representações*, que me faziam, assim como meu formador, estabelecer defesas muito fechadas. No meu caso, tinha perdido minha *neutralidade* (se é que ela existe em todos os casos). Eu estava parcial e invadido por meus preconceitos (EIGUER, 2009, p. 34-35, tradução e grifo nossos).

Se, por um lado, uma aparente neutralidade não pode ser garantida apenas pela tomada de consciência da participação dos próprios valores, por outro, corre o risco de ser impossibilitada quando se nega esta participação. O pesquisador máquina, mais comumente, incorre nesse risco, ao negar e/ou rejeitar os aspectos subjetivos que

existem e que o influenciam, estando ele consciente ou não desta influencia.

Podemos relacionar genericamente o *pesquisador máquina* e o *pesquisador bricoleur* a momentos históricos, a paradigmas de ciência, contudo deve-se assinalar que se trata de uma divisão artificial, porque as distintas concepções sobre a produção de conhecimento científico convivem e interferem na prática do pesquisador. Nas defesas da neutralidade científica supracitadas ainda vemos uma concepção do pesquisador separado do pesquisado e das circunstâncias sociais. Deste modo, somos *pesquisadores máquinas* quando ficamos absortos pela primazia epistêmica da quantificação e neutralidade científicas⁸.

Não se mostra simples assumir a vertente do *pesquisador conversador*, fugir da alienação de uma primazia técnica sobre o pensamento, porque, como nota Spink (2008, p. 75), “[...] não é muito fácil convencer alguém de que sentar em cafés, andar nas ruas, escutar conversas alheias, conversar em filas e olhar a arquitetura urbana é ciência”. Por isso, com muita frequência, esses aspectos essenciais para a construção do pensamento do pesquisador são omitidos do texto final, sobressaindo-se a vertente *pesquisador máquina*. É preciso flexibilidade no emprego das técnicas, de modo a não se manter demasiado preso a elas, dando lugar à intuição e à criatividade, o que só é possível, evidentemente, se o pesquisador estiver subsidiado por uma sólida formação técnica e epistemológica.

Quanto ao destino do conhecimento, devemos lembrar, ainda, a incompatibilidade observada no nexos estreito entre produção científica e valor do capital, a “mercantilização do conhecimento” (KRIMSKY, 2003), nexos que faz perder de vista

o princípio de que o pesquisador deve produzir a partir de uma reflexão sobre o significado social de seu trabalho.

Considerações Finais

A divisão entre *pesquisador máquina* e *pesquisador bricoleur* ou *conversador* diz respeito a formas de posicionamento que não são meramente excludentes. Embora os dois tipos tenham sido identificados como representantes de duas vertentes epistemológicas distintas, ambos podem ser usualmente encontrados em um mesmo pesquisador, dado que a pesquisa que realiza pode ser, em parte, permeada pelos paradigmas contraditórios de seu tempo. Neste sentido, tanto o cenário de produção científica quanto a posição epistêmica do pesquisador podem contribuir para a preponderância de uma ou outra forma de posicionamento.

Apesar de se reconhecer que a ciência não possa ser considerada como portadora de objetividade incontestável e saber absoluto – completamente desinteressado e isento de valores pessoais –, uma postura *bricoleur* continua, em parte, submetida ao paradigma positivista. O que se buscou foi mostrar que uma posição demasiadamente presa à técnica *maquinica* denota o quanto o ato de pesquisar pode se render à ideia de impessoalidade. Tal ideia é frequentemente tida como atributo de valor positivo à ciência, o que tem levado a se conceber uma pesquisa como objetiva, na medida em que deixa de lado aspectos fundamentais da relação pesquisador/campo de pesquisa. Ainda que a ciência busque construir conhecimentos tão rigorosos e controlados quanto possível, procuramos demonstrar que eles não são isentos dos aspectos sociológicos, culturais e relacionais.

⁸ Poderíamos avançar na discussão e nos questionar, por exemplo, sobre os possíveis contextos deste *modus operandi* epistemológico, ou seja, de que modo ele se relaciona com questões de ordem ética e política presentes nas mais diversas comunidades acadêmicas e científicas. A hegemonia de uma instrumentalidade epistemológica que não considera as idiosincrasias de seus respectivos atores pode tanto refletir como também contribuir para um movimento de alienação que faz perder de vista três aspectos fundamentais da empreitada gnoseológica contemporânea: a que, para que e a quem se destina a produção de conhecimento. Neste sentido, Tuleski (2012, p. 4) nota que “se a ciência hoje se conforma a uma produção em série, a um ‘fordismo científico’ nada mais atual do que atentarmos para a alienação a que neste contexto estamos submetidos nós, pesquisadores”.

Conforme discutimos, na psicologia, assim como nas ciências sociais em geral, a pesquisa torna-se impensável sem uma implicação diferenciada do pesquisador, pois ele está na relação que, por sua vez, interfere no processo de investigação. Na pesquisa quantitativa, os aspectos intersubjetivos de uma conversa podem ser tidos como indesejáveis, ou como partes “toleráveis” do processo de coleta de dados, mas na pesquisa qualitativa esta mesma conversa é tomada como dado relevante ao trabalho de campo. Há um contato dinâmico entre pesquisador e campo de pesquisa, não havendo, portanto, separação entre a prática e a produção do conhecimento, da qual o pesquisador não deveria se alienar.

Embora a pesquisa qualitativa constitua o caminho preferencial para abordagem dos fenômenos em psicologia, deve-se, contudo, admitir que os instrumentais quantitativos também são muito valiosos na referida área de estudos. Uma passagem segura entre flexibilidade e objetividade pode ser possibilitada quando se tem como solo uma formação epistêmica e uma técnica sólida do pesquisador. Ele pode se desprender da excessiva formalização técnica em direção a um processo de produção criativo, quando assim o fenômeno e o contexto estudados permitirem. A vertente *bricoleur*, uma vez que atende melhor a essas condições, pode, ao invés de se distanciar da produção de conhecimento em psicologia, favorecê-la enormemente.

Referências

BECKER, H. S. De que lado nós estamos. In: _____. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1977. Cap. 7.

_____. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. *Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. A tradição da investigação qualitativa em educação. In: _____. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Ed. Porto, 1994. p. 19-46.

CHATAWAY, C. J. Negotiating the observer-observed relationship. In: TOLMAN, D. L.; BRYDON-MILLER, M. (Ed.), *From subjects to subjectivities: a handbook of interpretative and participatory methods*. New York: New York University Press, 2001.

CUPANI, A. A objetividade científica como problema filosófico. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, Florianópolis, v. 6, n. esp., p. 18-29, jan. 1989. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/10067>>. Acesso em: 18 dez. 2015.

DELAMONT, S. Ethnography ant participant observation. In: SEALE, C. et al. (Ed.). *Qualitative research practice*. London: Sage, 2004. p. 218-229.

DEMO, P. *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Atlas, 1985.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

EIGUER, A. Les mythes de la famille et du thérapeute familial et leur deconstruction. *Le Carnet PSY*, Paris, n. 134, p. 31-35, 2009. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-le-carnet-psy-2009-3-page-31.htm>>. Acesso em: 18 dez. 2015.

_____. O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 20, ed. esp., p. 70-77, 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309326473010>>. Acesso em: 18 dez. 2015.

FEIGL, H. The origin and spirit of logical positivism. In: ACHINSTEIN, P.; BARKER, S. F. (Ed.). *The legacy of logical positivism: studies in the Philosophy of Science*. Baltimore: The Johns Hopkins, 1969. p. 3-24.

- FEYERABEND, P. Problems of empiricism. In: COLODNY, R. (Ed.). *Beyond the edge of certainty: essays in contemporary Science and Philosophy*. Pittsburgh: Pittsburgh Center for Philosophy of Science, 1965. p. 145-260.
- GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989. p. 13-41.
- HEMPEL, C. G. *Aspects of scientific explanation*. New York: Macmillan, 1965.
- KRIMSKY, S. *Science in the private interest: has the lure of profits corrupted biomedical research*. Lanham: Rowman and Littlefield, 2003.
- KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- MARTINS, E. C. *Freud e os modelos biológicos de explicação*. 2012. 361 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.
- NAGEL, N. Ciência: natureza e objetivo. In: Morgenbesser, S. (Org.). *Filosofia da ciência*. São Paulo: Cultrix, 1975. p. 13-24.
- NARVAZ, M. G; KOLLER, S. H. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.
- NOGUEIRA, L. C. A pesquisa em psicanálise. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 15, n. 1-2, p. 83-106, jun. 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/42262>>. Acesso em: 18 dez. 2015.
- POPPER, K. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- REY, F. L. G. La subjectividade: su signification para la ciencia psicológica. In: FURTADO, O.; REY, F. L. G. (Org.). *Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 19-42.
- ROCKWELL, E. *La Experiencia etnográfica: historia y cultura en los procesos educativos*. Buenos Aires: Paidós, 2009.
- SATO, L.; SOUZA, M. P. R. Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em Psicologia. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 12, n. 2, 2001.
- SPINK, P. K. O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 20, ed. esp., p. 70-77, 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309326473010>>. Acesso em: 18 dez. 2015.
- _____. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 18-42, dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822003000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 dez. 2015.
- STAKE, R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). *Handbook of qualitative research*. 2 ed. New York: Sage, 2000. p. 435-454.
- TOTARO, P. O equívoco sobre a “neutralidade” da linguagem de Goffman. *Cronos*, Natal, v. 11, n. 2, nov. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/2156>>. Acesso em: 18 dez. 2015.
- TULESKI, S. C. A necessária crítica a uma ciência mercantilizada: a quem servem o publicismo, o citacionismo e o lema “publicar ou perecer”? *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 17, n. 1, p. 1-4, mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 dez. 2015.
- WEBER, M. *Il metodo delle scienze storico-sociali*. Torino: Einaudi, 1974.
- YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Recebido em: 29 nov. 2015.

Aceito em: 22 jan. 2016.